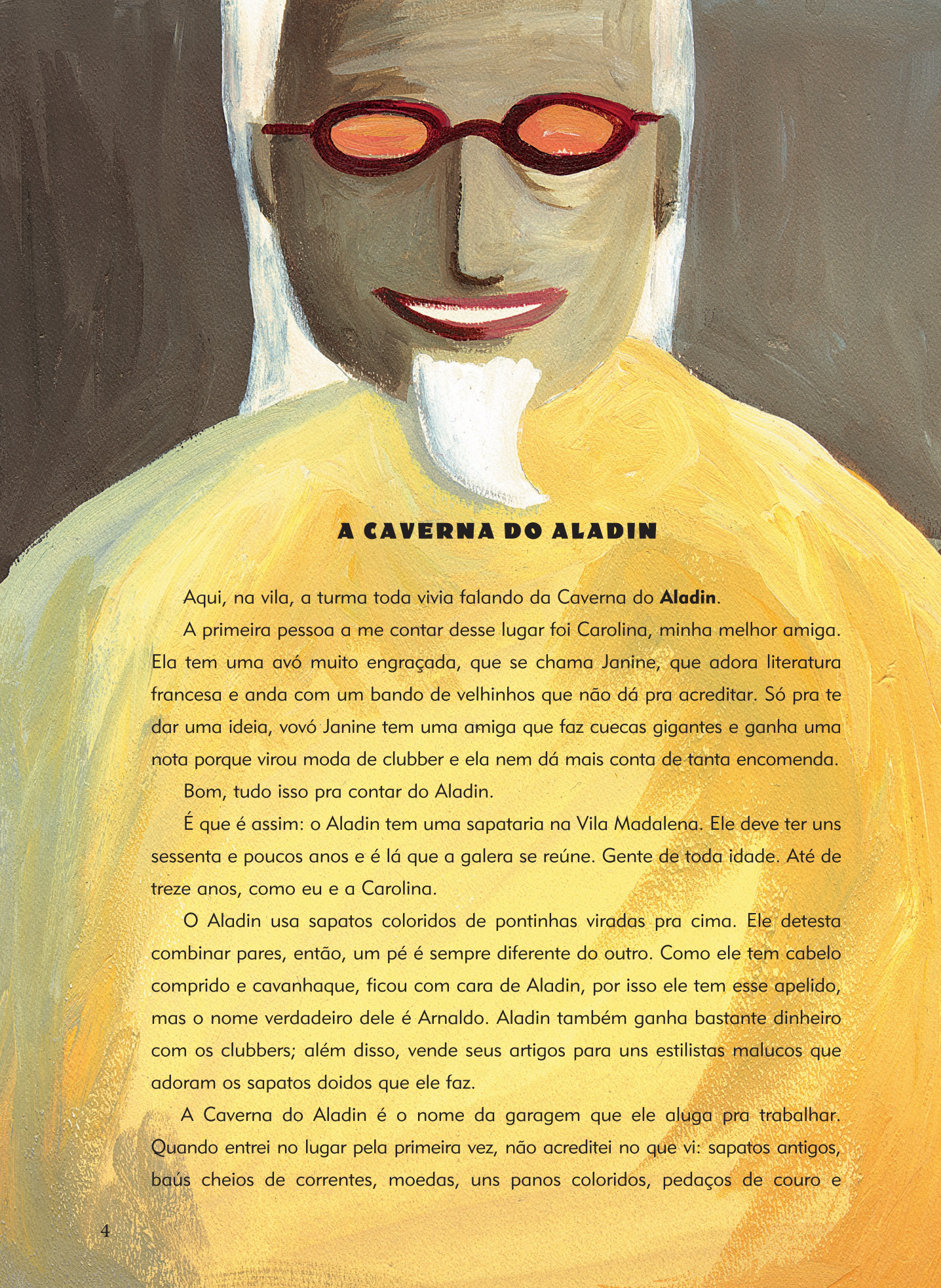


Mano descobre
a diferença

Mano descobre a diferença

Heloisa Prieto
Gilberto Dimenstein

Ilustrações: Maria Eugênia



A CAVERNA DO ALADIN

Aqui, na vila, a turma toda vivia falando da Caverna do **Aladin**.

A primeira pessoa a me contar desse lugar foi Carolina, minha melhor amiga. Ela tem uma avó muito engraçada, que se chama Janine, que adora literatura francesa e anda com um bando de velinhos que não dá pra acreditar. Só pra te dar uma ideia, vovó Janine tem uma amiga que faz cuecas gigantes e ganha uma nota porque virou moda de clubber e ela nem dá mais conta de tanta encomenda.

Bom, tudo isso pra contar do Aladin.

É que é assim: o Aladin tem uma sapataria na Vila Madalena. Ele deve ter uns sessenta e poucos anos e é lá que a galera se reúne. Gente de toda idade. Até de treze anos, como eu e a Carolina.

O Aladin usa sapatos coloridos de pontinhas viradas pra cima. Ele detesta combinar pares, então, um pé é sempre diferente do outro. Como ele tem cabelo comprido e cavanhaque, ficou com cara de Aladin, por isso ele tem esse apelido, mas o nome verdadeiro dele é Arnaldo. Aladin também ganha bastante dinheiro com os clubbers; além disso, vende seus artigos para uns estilistas malucos que adoram os sapatos doidos que ele faz.

A Caverna do Aladin é o nome da garagem que ele aluga pra trabalhar. Quando entrei no lugar pela primeira vez, não acreditei no que vi: sapatos antigos, baús cheios de correntes, moedas, uns panos coloridos, pedaços de couro e

pedrinhas brilhantes, os materiais que ele usa para criar. Música? **Raul Seixas** o tempo todo. É o artista preferido do Aladin. Ele diz que Raul é o maior gênio musical de todos os tempos e que, se ele ainda estivesse vivo, o mundo seria diferente.

E tem livro pra todo lado. Muita vela, muito incenso. Um sofá do tempo do onça, como diria meu avô. Aliás, meu avô Hermano também é muito louco, mas de outro jeito. Se ele visse o Aladin, ia começar a fazer um monte de piada, meu avô tem uma língua afiada. Mas isso é uma outra história.

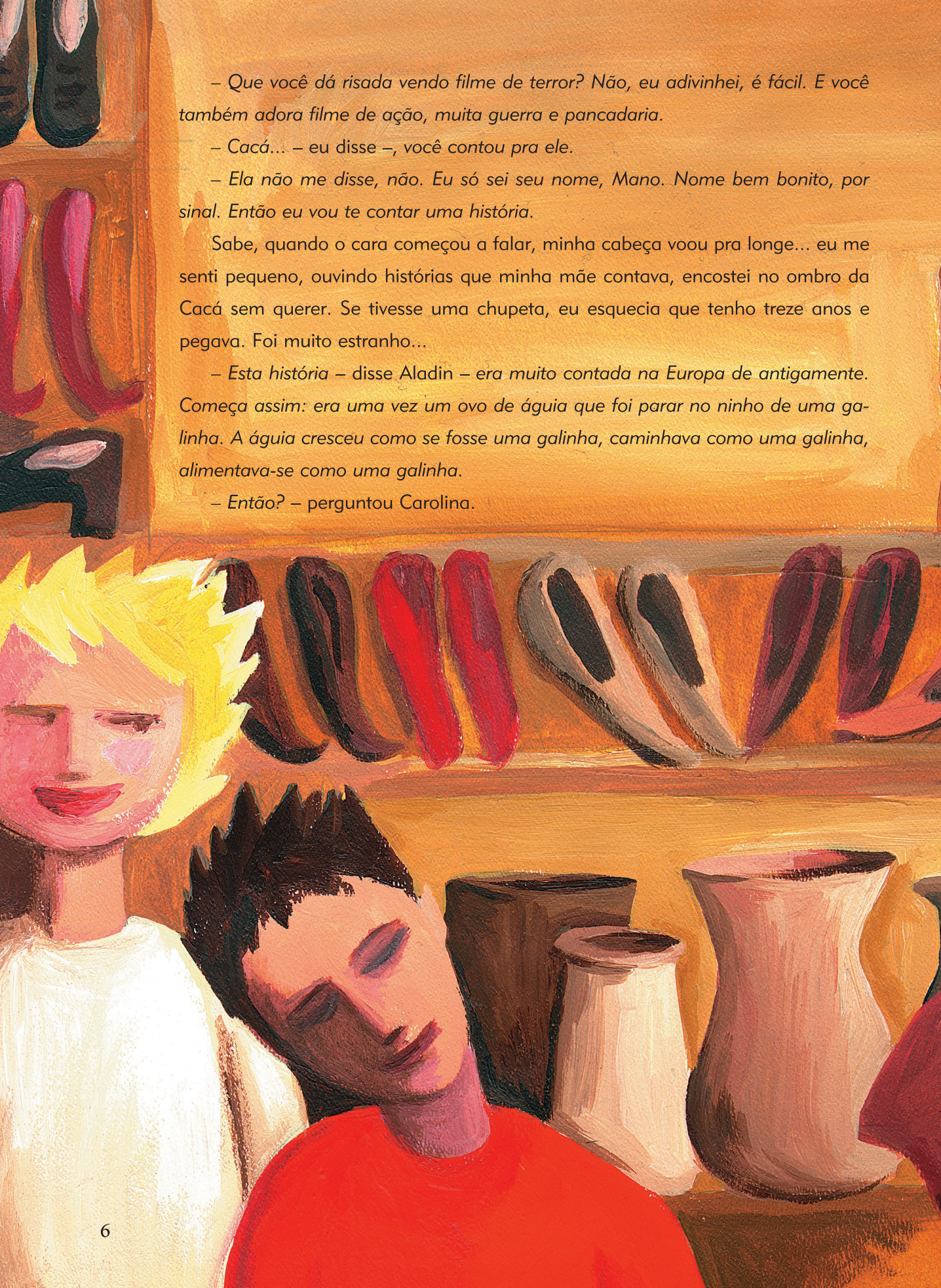
Carolina tinha me contado que uma vez ficou muito triste e que a única pessoa que a ajudou foi o Aladin. Que ele é o melhor contador de histórias que ela já viu.

Então, ela me convidou pra ouvi-lo contar história.

Nós entramos, sentamos no sofá e ficamos quietos vendo como ele trabalhava. O Aladin fazia um sapato de princesa, tipo Cinderela mesmo. Ele ficou um tempão calado, de repente virou pra mim e disse:

- Quer que eu adivinhe qual é o tipo de filme de que você mais gosta?
- Quero.
- Terror trash.
- Como é que você sabe? A Cacá te contou?



The background of the page is a painting of a room. On the left, a wooden shelf holds several pairs of shoes in various colors like black, red, and purple. Below the shelf, a woman with bright yellow hair and a white top is smiling. In the foreground, a man with dark hair and a red shirt is looking down. To the right, another shelf holds several vases and containers in shades of brown, white, and red. The overall style is expressive and colorful.

– Que você dá risada vendo filme de terror? Não, eu adivinhei, é fácil. E você também adora filme de ação, muita guerra e pancadaria.

– Cacá... – eu disse –, você contou pra ele.

– Ela não me disse, não. Eu só sei seu nome, Mano. Nome bem bonito, por sinal. Então eu vou te contar uma história.

Sabe, quando o cara começou a falar, minha cabeça voou pra longe... eu me senti pequeno, ouvindo histórias que minha mãe contava, encostei no ombro da Cacá sem querer. Se tivesse uma chupeta, eu esquecia que tenho treze anos e pegava. Foi muito estranho...

– Esta história – disse Aladin – era muito contada na Europa de antigamente. Começa assim: era uma vez um ovo de águia que foi parar no ninho de uma galinha. A águia cresceu como se fosse uma galinha, caminhava como uma galinha, alimentava-se como uma galinha.

– Então? – perguntou Carolina.

– Um dia a águia que pensava ser galinha viu uma águia no alto. Era maravilhoso observar seu voo, sua elegância, toda a liberdade do movimento de suas asas.

– E daí ela saiu voando também... – eu disse.

– Não. Daí que ela suspirou, sentiu uma infelicidade profunda e pensou assim: “Ai, que bom seria se eu fosse uma linda águia...”.

